

■ Saúde registra crescimento no número de pessoas portadoras de Aids no DF. Atualmente os doentes chegam a 680

■ A Terracap poderá sofrer uma devassa, diante da suspeita de irregularidade na venda de terrenos no Setor Sudoeste

Pág. 3

Cidades

PLANO PILOTO

SATÉLITES

GEOECONÔMICA

Brasília, quarta-feira, 24 de abril de 1991

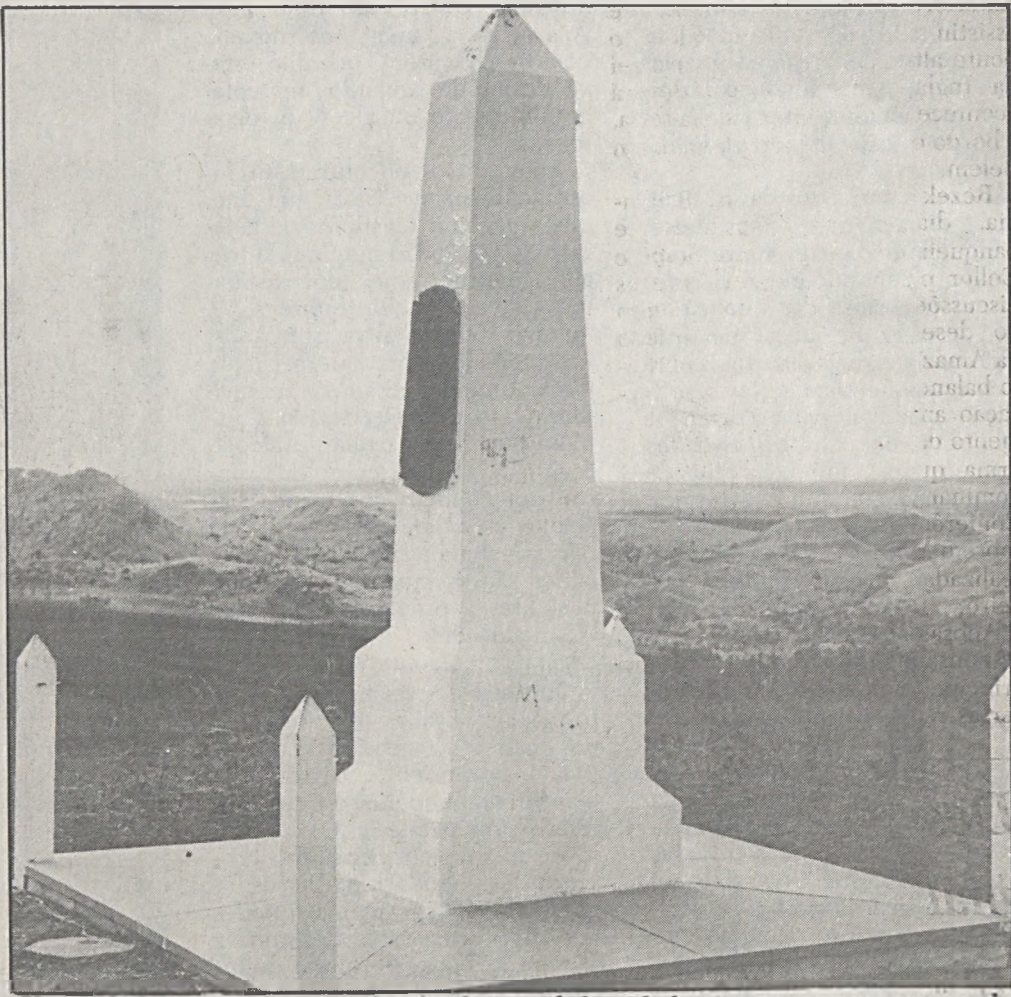
Pág. 8

ISAAC AMORIM



Aos 34 anos, o prédio da Igreja São José Operário, na Candangolândia, ainda resiste. Mês que vem começa a reforma

ARQUIVO: 10/4/88



Um símbolo importante, a pedra fundamental da cidade, é outro a ser recuperado

GDF quer pôr de pé seus monumentos

O único edifício de madeira remanescente do antigo acampamento da Candangolândia será finalmente restaurado pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal (Depha). Construído em 1957, o prédio da Igreja São José Operário, na parte mais baixa da cidade, guarda suas características originais, mas o seu estado de conservação é péssimo. As obras deverão ser iniciadas no final do próximo mês, quando a equipe de arquitetos do departamento conclui o projeto de restauração.

Dentro da programação do Depha para este ano, e que envolve recursos da ordem de Cr\$ 340 milhões — liberados recentemente com o convênio assinado entre o Depha e a Novacap —, além da Igreja São José Operário, será recuperada a Igreja Nossa Senhora Aparecida, da Vila Metropolitana, também de madeira e construída na mesma época. Esta igreja, segundo o diretor do Depha, Silvio Cavalcante, só continua em pé graças à comunidade que com esforços e recursos próprios repõe um e outro material necessário. Cada uma destas obras deverá custar perto de Cr\$ 40 milhões.

Monumentos — As duas igrejas são o que há de mais urgente a recuperar entre tantos monumentos históricos da cidade que nunca passaram por reformas. Depois delas, a atenção será novamente para as obras do HJKO — quase 50 por cento dos edifícios já foram recuperados e tombados —, incluindo a segunda etapa do próprio hospital. Os recursos para o HJKO, transformado em Centro de Referência da História de Brasília, o museu vivo da memória candanga, são de Cr\$ 200 milhões.

Este ano ainda, o Depha projetará um novo crematório de velas para a Igreja de Fátima, na 307/308 Sul, também

a ser restaurada. O teto da igreja precisa ser novamente impermeabilizado, há necessidade de revisão das instalações elétricas, nova pintura e limpeza dos azulejos de Athos Bulcão, na parte externa posterior. Em 1987, o Depha chegou a fazer um crematório de concreto para proteger os azulejos da fumaça, mas ele foi depredado. O novo projeto será iniciado na próxima semana, e as obras deverão custar em torno de Cr\$ 15 milhões.

Pichações — A Ermida Dom Bosco também passará por nova limpeza e pintura, por causa da queima de velas e das pichações. Outra igreja a ser conservada com recursos deste ano é a de São Sebastião, em Planaltina, uma construção colonial do século passado que está sendo destruída pelas goteiras. Segundo Silvio Cavalcante, todo o telhado precisa ser revisto, além das instalações elétricas. A igreja será novamente pintada. Ainda próximo a Planaltina, o Depha vai recuperar o obelisco que sustenta a placa de bronze da Pedra Fundamental de Brasília, vestido de pichações.

Com os mesmos recursos, a equipe pretende restaurar a primeira escola da Vila Planalto, atualmente abandonada e que poderia servir de espaço a um museu da cidade. “Vamos discutir com a comunidade as suas prioridades”, assegura Silvio Cavalcante. Numa segunda etapa, o Depha irá buscar junto ao governo e à iniciativa privada recursos para a recuperação do Brasília Palace Hotel.

De acordo com o convênio assinado entre a Novacap e o Depha, as empreiteiras serão contratadas pela Novacap, para a execução dos trabalhos, enquanto os arquitetos do departamento, chefiados pelo gerente de projetos Carlos Madson Reis, apenas supervisionam e fiscalizam as obras.

ARQUIVO: 1/11/88



As obras do antigo HJKO serão retomadas ainda este ano, após restauração das igrejas. Parte dos prédios está recuperada

ARQUIVO: 10/2/88



A Igrejinha de Fátima ganhará novo crematório de velas e pintura



A Igreja da Vila Planalto entra no rol das reformas

Pira do Panteão corre risco de ficar com chama apagada

No primeiro dia do fim do contingenciamento do gás combustível, os brasilienses têm se perguntado se voltarão a assistir ao espetáculo que era a chama da Pira ao lado do Panteão da Liberdade e da Democracia. O fornecimento do gás butano que maninha a chama acesa foi suspenso pela Petrobrás, em meio a várias medidas de contenção do consumo de combustíveis. A época, no início do mês passado, a empresa alegou que o custo estava se tornando muito alto, e seria uma “incongruência” mantê-la acesa num momento de crise.

A Petrobrás fornecia o gás para o GDF, a um custo de cerca de Cr\$ 1 milhão ao mês, a preços de março, suficientes para a compra de 200 botijões de 90 quilos por mês, quantidade necessária para a manutenção da pira. Ao cortar o fornecimento, a empresa propôs que o GDF estudasse formas alternativas de combustível. A Caesb, então, pesquisou a possibilidade de utilizar o biogás, produzido com a reciclagem do esgoto e do lixo. O superintendente de manutenção da empresa brasiliense na época, Mécio Viana, considerou que o custo não compensava a sua utilização.

Opção — Se o governo tivesse decidido pela implantação do biogás, teria gasto Cr\$ 250 milhões, apenas para instalar um gasoduto, que sairia das proximidades do SLU em direção ao Panteão conduzindo o produto. Outra opção seria o transporte dos cilindros através de caminhões, também descartada pela Caesb. A situação, segundo a assessoria de imprensa da empresa, está em suspenso, e não há previsão de novos estudos no sentido de voltar a acender a chama do Panteão da Liberdade, construído na gestão do então governador José Aparecido, em homenagem a Tancredo Neves.

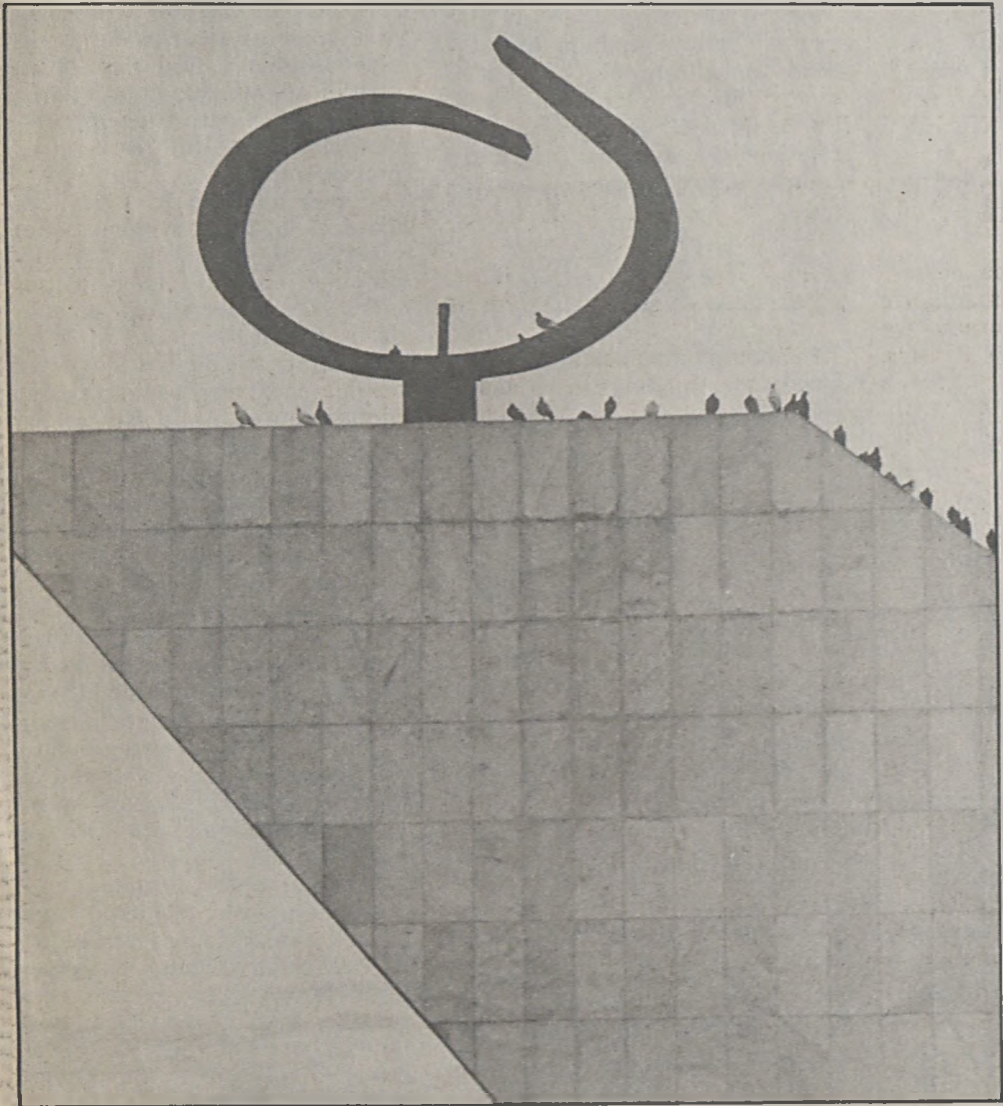
Gasto — O chefe do escritório da Petrobrás em Brasília, embaixador Cláudio Garcia de Souza, revela que antes da Guerra no Golfo estourar — trazendo as medidas de economia, já estava sendo amadurecida a decisão de suspender o fornecimento de gás. “A decisão foi tomada pelo ministro da Infra-Estrutura, Ozires Silva, em função das medidas de contenção de consumo e também devido à greve dos petroleiros”, explica. “Mas esses fatores apenas anteciparam a medida”. Para o embaixador,

a questão agora não é apenas de custo, mas de “adequacidade” do gasto, “Quando a Pira foi planejada, eu não sei se houve a preocupação com o consumo” questiona Cláudio Souza. O embaixador chegou a sugerir a utilização de uma pira elétrica, mas não obteve resposta do GDF.

Segundo a diretora do Panteão, Cândida Maria Paiva Gama Lopes, “desde que o fornecimento de gás foi cortado não houve nenhum comunicado a respeito de seu retorno”. Ela informou que agora, com o fim do contingenciamento de combustíveis, vai tentar um novo contato com a Petrobrás e com a Caesb, que ainda não chegou a uma segunda alternativa a ser aplicada à Pira. “A chama tem que voltar a arder, pois foi construída com essa finalidade”, acredita ela.

Para o embaixador Cláudio Garcia, compete agora ao GDF tentar encontrar uma forma de reacender a chama, admitindo, implicitamente, que dificilmente o Ministério da Infra-Estrutura voltaria atrás em sua decisão, que se pretende, definitiva. Um dos envolvidos na questão, o arquiteto Oscar Niemeyer, não foi localizado ontem, para opinar sobre o assunto.

IZABEL CRISTINA



A pira sem chama é um detalhe sem maior significação na Praça dos Três Poderes